

O POETA EUCLIDES DA CUNHA

(Escrito por Ottokar Hanns, do Centro Cultural "Euclides da Cunha", quando das comemorações da Semana Euclidiana de 1952).

Euclides da Cunha, o magistral estilista de "Os Sertões", cujo cinquentenário de publicação se comemora este ano, foi também um poeta. Suas poesias, porém, não são muito conhecidas. São produções de sua mocidade e foram publicadas esparsamente pelos jornais, continuando outras ainda inéditas.

O Euclides poeta era muito espontâneo. Os versos jorravam sobre o papel com uma facilidade extraordinária. Este soneto é uma prova cabal do que afirmamos:

R I M A S

"Ontem — quando soberba escarnecias
Dessa minha paixão — louca — suprema
E no teu lábio essa rósea algema
A minha vida — gélida — prendias...

Eu meditava em loucas utopias
Tentava resolver grave problema...
— Como engastar tua alma num poema?
E eu não chorava quando tu te rias...

Hoje que vives dêsse amor ansioso
E és minha — és minha, extraordinária sorte
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!...

E tremo e choro — presentindo — forte
Vibrar — dentro em meu peito, fervoroso,
Esse excesso de vida — que é a morte...

x x x

Outro exemplo é o soneto intitulado:
A FLOR DO CÁRCERE

"Nascera ali — no limo sorridente
Dos muros da prisão — como uma esmola
Da natureza a um coração que estiola —
Aquela flor imaculada e olente...

E êle que fôra um bruto e vil descrente,
Quanta vez, numa prece, unido cola
O lábio sêco, na úmida corola
Daquela flor alvíssima e silente!

E êle — que sofre e para a dor existe
Quantas vezes no peito o pranto estanca!
Quantas vezes na veia a febre acalma,

Fitando aquela flor tão pura e triste!...
— Aquela estrêla perfumada e branca
Que cintila na noite de sua alma...

x x x

Francisco Venâncio Filho, um dos maiores admiradores de Euclides da Cunha, falando da poesia do Mestre, diz, em seu livro intitulado: "A Glória de Euclides da Cunha":

— "Já com influência científica, prenúncio daquela identificação cósmica do homem, característica de sua obra genial", escreveu êle "êste lindo soneto:

"São tão remotas as estrelas que apezar da vertiginosa velocidade da luz, elas se apagam e continuam a brilhar durante séculos".

"Morrem os mundos... Silenciosa e escura,
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,
Nas luminosas solidões da altura
Erguem-se, assim, necrópoles sombrias...

Mas p'ra nós, dí-lo a ciência, além perdura
A vida, e expande as rútilas magias...
Pelos séculos em fora a luz fulgura
Traçando-lhes as órbitas vazias.

Meus ideais! extinta claridade —
Mortos, rompes, fantásticos e insanos
Da minh'alma a revólta imensidade...

E sois ainda todos os enganados
E tóda a luz, e tóda a mocidade
Desta velhice trágica aos vinte anos...

x x x

Mesmo escrevendo em prosa, Euclides foi poeta. Suas descrições revelam, à primeira vista, um poeta vigoroso, que descreveu, com alma, com um sentimento inaudito, o que vira. Leia-se, em "Os Sertões", a parte concernente à "Terra", onde o Nordeste é descrito de maneira maravilhosamente real.

Há, muitas vezes, em sua poesia, comparações que afirmam seu gênio. Neste soneto, escrito em 1890, temos uma prova magnífica do que afirmamos:

D. QUIXOTE

"Assim à aldeia volta o da "triste figura"
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:
No arcaboço dobrado — um grande desalento,
No entristecido olhar — uns laivos de loucura...

Sonhos, a glória, o amor, a alcantilada altura
Do Ideal e da Fé, tudo isto num momento
A rolar, a rolar num desmoroamento,
Entre os risos boçais do Bacharel e o Cura...

Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cérebro ôco
O brilho da Ilusão do espírito doente;

Porque há coisa pior: é o rir-se pouco a pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes ilusões — e não se ficar louco!"

x x x

Euclides acompanhou de perto tóda a Campanha de Canudos, obtendo assim os dados necessários para a sua Imortalidade; ao voltar daquelas plagas, tinha já em mente "Os Sertões". Em 1897, na Bahia, ou para sermos mais explícitos, no dia 14 de outubro de 1897, escreveu êle no álbum da exma. sra. dona Francisca Prager Froes, esposa do Dr. João Américo Froes, o seguinte soneto, no qual deixa entrever, ainda que de leve, o que tinha em mente:

PÁGINA VAZIA

"Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despediada e aterradora,

Centro não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditirambo ardente
Que possa figurar dignamente
Em vosso álbum gentil, minha senhora.

E quando, com fidalga gentileza
Cedeste-me esta página, a nobreza
De vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde, nesta fôlha lesse
Perguntaria: "Que autor é êsse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?"

x x x

Em dezembro de 1902, Euclides da Cunha publicou sua obra-prima: "Os Sertões". Para escrevê-la, precisou assistir àquele drama pungente passado nas catíngas nordestinas, àquela luta medonha, desigual em extremo, onde os jagunços, fortalecidos pela natureza inclemente, pelo fanatismo religioso e pela obediência cega a Antônio Conselheiro, êsse misto de mártir e de louco, combatiam como feras encurraladas; para escrevê-la, precisou sentir tóda aquela ânsia, todo aquêl sofrimento, as-

(Conclui na página 12)